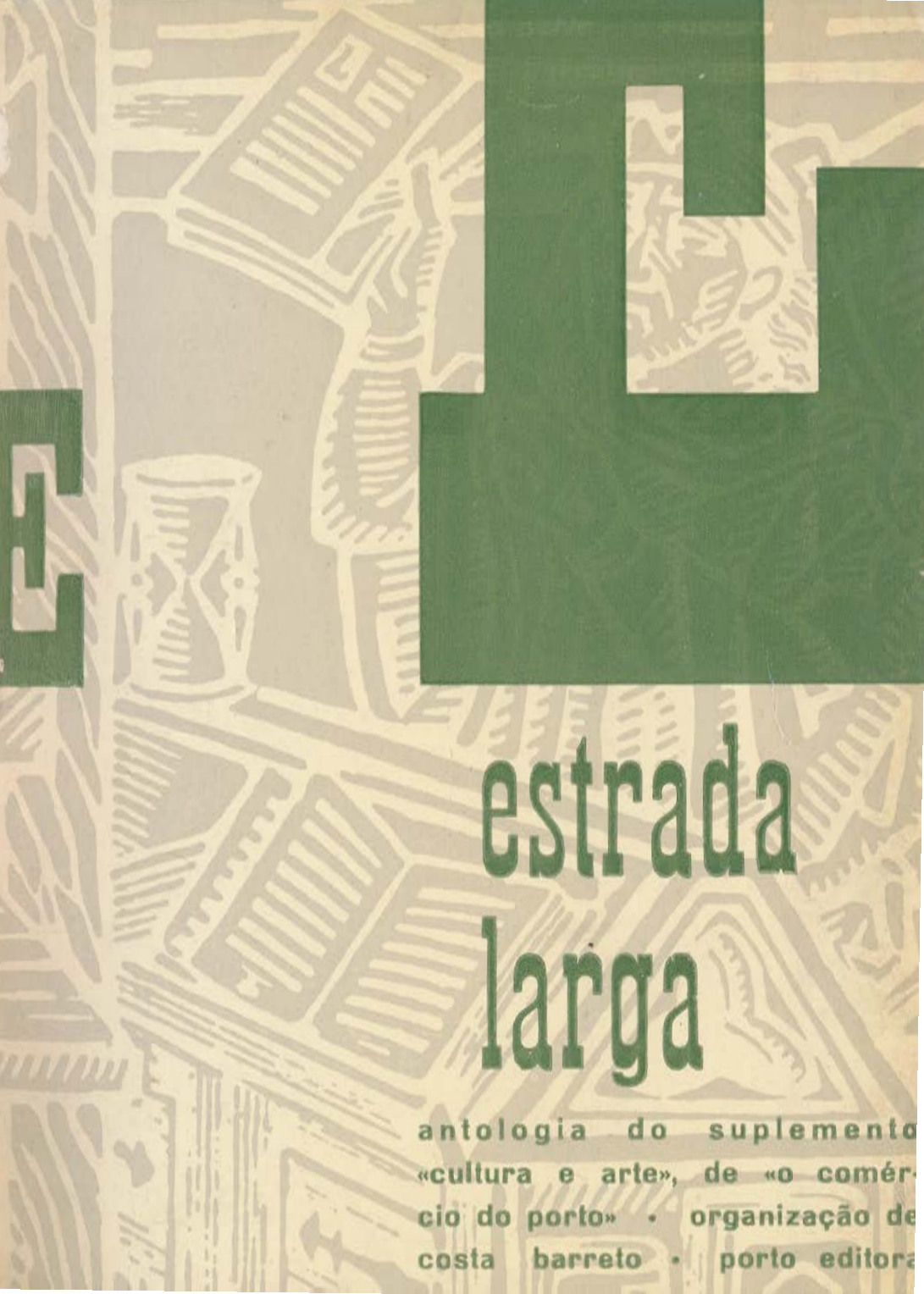




E

estrada larga

antologia do suplemento
«cultura e arte», de «o comércio do porto» • organização de
costa barreto • porto editora

Algumas apreciações
ao I volume de
Estrada Larga

Por:

Otto Maria Carpeaux

Wilson Martins

João Gaspar Simões

João Maia

Óscar Lopes

ORIENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE COSTA BARRETO

opras abarvas

a publicar :

3 e 4

relativos ao 2.º lustro, ainda não encerrado. Do 3.º Vol. farão parte os seguintes números especiais, já vindos a lume: «Sampaio Bruno», «Fialho de Almeida», «Poesia Espanhola Contemporânea», «Sá de Miranda» — e do 4.º Vol.: «A gravura em Portugal» «Columbano», «Poução», «Manuel Ribeiro de Pavia», «O Cinema em Portugal no século XX», «Antropologia Cultural Portuguesa — Aspectos característicos».

estrada larga

*Antologia dos números especiais, relativos a um lustro,
do Suplemento "Cultura e Arte" de "O Comércio do Porto"*

2

A ARTE MODERNA EM PORTUGAL, COM O

INQUÉRITO ANEXO; JOSÉ MALHOA; INQUÉRITO SOBRE O

FUTURO DA PINTURA PORTUGUESA; A MÚSICA EM PORTUGAL NO

SÉCULO XX; O TEATRO EM PORTUGAL NO SÉCULO XX.

O TEATRO EM PORTUGAL NO SÉCULO XX



não sei que título para **ALFREDO CORTEZ**

por JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Ai de mim que não tenho os não sei quantos anos de análise do Outro para me autorizarem os dez minutos de síntese — do mesmo conspícuo moralista — que deveriam informar este articulado! Assim, não sei que título é devido a Alfredo Cortez e à sua obra... Sei, sim, que o sincero e

em cima: cena de «Tá Mar», de Alfredo Cortez — Teatro Nacional D. Maria II — Direcção de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.

assaz emparedado-amador de teatro que começa por não querer de todo isolar-se do que decorre à sua volta, na sua terra, tem na obra teatral do Dr. Alfredo Cortez, trasmontano natural de Estremoz, formado por Coimbra e juiz que foi, falecido em Lisboa, cumpriram-se em Abril passado nove anos sobre a sua morte, um dos raros oásis do teatro português que nos não envergonham.

A OBRA — Não farei mais delongas das razões. Creio que estas linhas melhor se explicam por querer em tão poucas deixar o leitor capaz de estudar Alfredo Cortez sem comentador ao lado. Ou como ele escreveu em *À la Fé!*: «*Deixemos o castelo a cujo é*»... As obras são: *Zilda* (1921), *O Lodo* (1923), *À la Fé!* (1924), *Lourdes* (1927), *O Oiro* (1928), *Domus* (1930), *Gladiadores* (1934), *Tá Mar* (1936), *Bâton* (1938), *Saias* (1939) e *Lá-lás* (1940).

Um homem de crítica áspera e língua despejada — Joaquim Madureira, ou seja, o Braz Burity — deixou em 1924 um folheto — «*Impressões de Teatro*» —, onde soube, mais nobremente do que por alta crítica, assinalar na mediocridade quase geral o talento firme de Cortez. A minha ignorância não me fez conhecido qualquer trabalho de tomo sobre o teatro de Alfredo Cortez e só me fica, por dar maior nota, o bem intencionado ensaio de Eurico Lisboa (Filho) «*O Teatro de Alfredo Cortez*», sub-intitulado «*Introdução ao estudo da sua obra*», publicado no ano passado no benemérito «*Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais*», editado em Lisboa pelo Instituto Francês...

425

O que interessa é que o meu leitor apressado — e faz bem! — procure a obra de Cortez e a leia como merece. Longe de mim o querer dar-lhes ideias minhas antes de ter as suas... Desde a edição da *Zilda* — o melhor que podia em 1921 fazer a Companhia Portuguesa Editora, do Porto — até às *Lá-lás* —, publicada pela Tavares Martins, também do Porto —, passando pelas edições do Autor, a maior parte dos volumes não é difícil de encontrar... Apesar de Alfredo Cortez anotar os *Gladiadores* com esta amargurada justificação: «*De Gladiadores tirou-se uma edição reduzida, de que ainda se põe à venda um escasso número de exemplares, pois mais estima o autor dar a poucos, do que vender a muitos este livro. Todos os exemplares rubricados*»...

PARA ABRIR O APETITE — *Zilda* foi uma brilhante tentativa. *O Lodo* é a única obra-prima do nosso teatro realista (é curioso lembrar a explosão-serôdia do realismo teatral português na *Alfama* de António Boto, como o *Mar Alto* de António Ferro parece um sucedâneo de *Zilda*).

À la fê! experimenta o teatro histórico; em verso. Tem um subtítulo: «*Lenda da Lealdade*». Este bem diz do que vai na peça e do que foi toda a obra de Alfredo Cortez. Lealdade ao teatro, à vida e — creio-o eu — ao que julgava serem as necessidades do nosso teatro. *Domus* faz parte de outra série. O moraiista é aqui demasiado evidente se o quiserem mas é o que foi sempre Alfredo Cortez e o que é todo o grande teatro quando não é também religioso... Só estou a falar de peças que conheci ou estudei mais intimamente. *Gladiadores* é a mais brilhante sátira de símbolos que jamais em Portugal se escreveu — se é mesmo que qualquer outra obra semelhante pode no nosso teatro entrar em competição com esta. Notável em qualquer teatro, direi eu... Com tantos caminhos espanta que *'Tá Mar* seja primoroso regionalismo, que bem pode levar-se para fora da terra de pescadores onde decorre a acção, e *Saias* seja outro prodígio — aqui até pelo perfeito uso do dialecto mirandês... E *Lá-lás* mata uma sociedade; sociedade de todos os tempos — claro. Todas as sociedades morrem nos palcos e continuam...

Lembro só a virilidade do amor em *'Tá Mar*. Não conheço nada mais extraordinariamente português apesar das aparências em contrário...

Prometi e cumpro não exceder este espaço.